

Tasso vive drama cearense na hora de optar para 2º turno

ERNESTO SERPA
Correspondente

Fortaleza — A decisão do governador Tasso Jereissati sobre a sua opção no segundo turno das eleições presidenciais vem sendo aguardada com muita ansiedade pelos cearenses, em função das questões políticas locais. De um lado, está o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, apoiado pelo coronel Adauto Bezerra, cujas práticas política e administrativa se contradizem com o discurso moderno e avançado do ex-governador de Alagoas e do próprio governador do Ceará. Do outro, aparece o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, com o respaldo dos radicais adversários de Jereissati, que tem nos petistas cearenses uma força oposicionista permanente e sem trégua.

A primeira vista, é difícil imaginar que os votos obtidos pelo senador Mário Covas, candidato do PSDB, no Ceará, por força do apoio que recebeu de Tasso Jereissati e do prefeito Ciro Gomes, serão destinados para Collor de Mello ou Lula da Silva. Mas numa análise mais fria, é possível que parte des-

ses votos sejam transferidos para o ex-governador de Alagoas, por quem Jereissati já nutriu admiração e uma quase adesão no primeiro turno. Por pouco, Jereissati hoje estaria comemorando a vitória de Collor no Ceará, em vez de Adauto Bezerra, que saiu ganhando com o resultado de Collor nas eleições. Se Jereissati tivesse apoiado Collor, os seus votos no Ceará seriam mais de um milhão, em vez de 858 mil. Com seu prestígio e popularidade, Jereissati levou para Mário Covas 475 mil votos, em apenas 30 dias de campanha no Estado.

Mais difícil ainda é imaginar a votação obtida por Mário Covas no estado para Luiz Inácio Lula da Silva. Parte desse eleitorado, que integra a classe média e até mesmo a classe alta, já teve uma experiência frustrante de apoio ao PT, nas eleições municipais de 1985, com a eleição de Maria Luiza Fontenele para a prefeitura de Fortaleza. Três anos depois de sua administração, Maria Luiza provou o amargo da derrota do candidato que apoiou a sua própria sucessão, em 1988, que obteve menos de um terço do candidato eleito, Ciro Gomes, do PMDB (hoje sem partido).